

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC(FN) RODOLFO CASTELO BRANCO WADOVSKI

O CONFLITO NO NEPAL DE 1996 A 2008:

um caso atual do emprego da doutrina de guerrilha de Mao Tsé-Tung?

Rio de Janeiro

2009

CC(FN) RODOLFO CASTELO BRANCO WADOVSKI

O CONFLITO NO NEPAL DE 1996 A 2008:

um caso atual do emprego da doutrina de guerrilha de Mao Tsé-Tung?

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF ALCEU O. C. JUNGSTEDT

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval

2009

## RESUMO

A análise do conflito ocorrido no Nepal entre 1996 e 2008, por envolver o emprego de princípios da doutrina de guerrilha de Mao Tsé-Tung, contribui para aprofundar os conhecimentos a respeito dessa doutrina. Vista por alguns como de validade universal, ela ainda não havia sido testada neste século. Sua análise, à luz do conflito nepalês, representa uma oportunidade de verificar em que condições sua aplicação pôde ser realizada com sucesso. O grupo guerrilheiro nepalês, que se auto-caracterizava como maoísta, utilizou a doutrina de Mao para, partindo de um poder combatente quase nulo, aumentar, progressivamente, sua influência até conquistar o cargo de Primeiro Ministro, posição política máxima naquele país. Tal conquista se deu em um contexto precedido por um histórico de governos ineficientes, uma conjuntura econômica de extrema miséria, uma condição política repleta de corrupção e uma situação social atrasada e injusta. No decorrer do conflito, os guerrilheiros nepaleses usaram os ensinamentos de Mao de acordo com a situação predominante. Nos primeiros anos da luta, quando ainda eram relativamente fracos em relação ao governo nepalês, seguiram com rigor as idéias de Mao, buscando, por meio de uma guerrilha rural, tornarem-se uma ameaça séria ao regime monárquico então em vigor. Entretanto, a medida que seu poder e influência política crescia, bem como uma completa vitória militar sobre o exército real se mostrou inexequível, decidiram flexibilizar os conceitos do líder chinês, e passaram a negociar pragmaticamente, abrindo mão de importantes conceitos maoístas como, por exemplo, a imposição de um regime de partido único. Assim, essa monografia descreve os principais aspectos históricos, econômicos, políticos e sociais em que se deu o conflito nepalês. A seguir, aborda a estrutura e a estratégia empregada pelos maoístas nepaleses. Posteriormente, examina algumas críticas atuais à doutrina de Mao. Finalmente, conclui a respeito do emprego da doutrina de guerrilha de Mao Tsé-Tung no Nepal.

Palavras-chave: guerrilha; Mao Tsé-Tung; maoísmo; Nepal; Prachanda.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2</b>	<b>ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO CONFLITO NEPALÊS.....</b>	<b>6</b>
<b>3</b>	<b>O CONTEXTO ECONÔMICO, POLÍTICO E SOCIAL DO NEPAL.....</b>	<b>8</b>
3.1	Situação econômica.....	8
3.2	Situação política.....	9
3.3	Situação social.....	9
<b>4</b>	<b>A ESTRUTURA DOS MAOÍSTAS NEPALESES.....</b>	<b>11</b>
4.1	O Partido.....	11
4.2	O Exército.....	11
4.3	A Frente Unida.....	12
4.4	Armamentos e recursos financeiros.....	13
<b>5</b>	<b>A ESTRATÉGIA DE MAO TSÉ-TUNG E OS MAOÍSTAS NEPALESES.....</b>	<b>14</b>
5.1	A valorização da massa urbana.....	16
5.2	O impasse militar.....	17
5.3	Ameaça militar como arma política.....	20
<b>6</b>	<b>CRÍTICAS À ESTRATÉGIA DE MAO TSÉ-TUNG.....</b>	<b>23</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A vitória de Mao Tsé-Tung na China, em 1949, com a utilização de conceitos militares diferentes dos empregados pelas potências ocidentais, assegurou uma ampla divulgação para suas idéias e fez com que elas atraíssem grande atenção, tanto de revolucionários como de contra-revolucionários (PARET, 2001).

Mao Tsé-Tung percorreu uma trajetória vitoriosa, durante a qual, gradativamente, se firmou como líder do Partido Comunista Chinês (PCC). Seu poder aumentou durante eventos como a “Grande Marcha”, em 1934, e a aliança com o Partido Nacionalista (Kuomintang) para combater os invasores japoneses, em 1935. Esse caminho culminou com a sua proclamação a Presidente da Nova República Popular da China, em dezembro de 1949 (TSÉ-TUNG, 2006).

Segundo Mao (2006, p. 55), a essência da revolução é a “conquista do poder político pelas armas, é a solução desse problema pela guerra. Esse princípio revolucionário do Marxismo-Leninismo é válido universalmente, tanto na China como em todos os outros países”. Esse ensinamento é fruto de uma consolidação dos pensamentos de Mao que ocorreu nos anos de 1960, dentro do contexto da Revolução Cultural Chinesa. Mas seria essa estratégia ainda válida no século XXI? Seu caráter é realmente universal? Paret (2001) levanta essa questão:

A teoria da guerra revolucionária é, com frequência debatida [...] como se fosse uma doutrina de aplicação universal. É claro que a discussão menciona rotineiramente a necessidade de flexibilidade e adaptação da doutrina às condições políticas, sociais, geográficas e internacionais específicas. Porém, **só recentemente foi levantada a possibilidade de a doutrina, pelo menos na formulação maoísta clássica ser válida apenas numa limitada faixa de circunstâncias** (PARET, 2001. p. 523, grifo nosso).

As respostas para essas perguntas não são simples, pois, pela lógica, só é possível ter certeza se uma estratégia é adequada depois de empregá-la. A análise de um caso contemporâneo contribuiria para iluminar a questão.

O mais recente emprego da estratégia de guerrilha de Mao Tsé-Tung foi no Nepal. Em 1996, o People Liberation Army (PLA)<sup>1</sup>, braço armado do Communist Party of Nepal - Maoist (CPN-M)<sup>2</sup>, iniciou, com apenas dois fuzis<sup>3</sup>, uma guerra revolucionária contra as forças regulares nepalesas. Em 21 de novembro de 2006, os maoístas assinaram um acordo de paz

---

<sup>1</sup> Exército Popular de Libertação (tradução nossa).

<sup>2</sup> Partido Comunista Maoísta do Nepal (tradução nossa).

<sup>3</sup> Segundo um líder maoísta, um desses fuzis estava quebrado. Após o início do conflito armado, os maoístas passaram a fabricar seus armamentos, roubá-los da polícia e do exército e comprá-los no mercado negro na fronteira com a Índia (INTERNATIONAL..., 2005b).

com o governo do Nepal (REPORT, 2006)<sup>4</sup>, onde estava previsto que a Organização das Nações Unidas (ONU) fiscalizaria o seu cumprimento<sup>5</sup> (UNITED..., 2009)<sup>6</sup>. Em 18 de agosto de 2008, a mídia internacional, em tom de surpresa, noticiou que Pushpa Kamal Dahal, também conhecido como Prachanda, líder do CPN-M, subiu ao poder central do país, como Primeiro Ministro, após eleições regulares (BBC..., 2008)<sup>7</sup>.

O fato de, em pleno século XXI, um líder guerrilheiro maoísta subir ao poder de um país suscita questionamentos a respeito de como isso foi possível. Que condições econômicas, políticas e sociais contextualizaram esse conflito? A estratégia empregada pelo CPN-M foi realmente a ensinada por Mao Tsé-Tung?

Esta monografia, fundamentada em pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, baseada em obras, artigos publicados sobre o tema, periódicos e trabalhos acadêmicos, tem o propósito de analisar os aspectos relacionados ao emprego da doutrina de guerrilha de Mao Tsé-Tung no Nepal, de 1996 a 2008. Desta forma, este autor espera contribuir para aprofundar os conhecimentos a cerca da utilização dessa doutrina na atualidade.

Primeiramente, serão descritos os antecedentes históricos e os aspectos econômicos, políticos e sociais do Nepal. Em seguida, será apresentada a estrutura dos maoístas nepaleses. Após isso, será analisado o conflito nepalês, com foco nos aspectos relacionados à estratégia de Mao Tsé-Tung. Posteriormente, será efetuado um exame de algumas críticas contemporâneas à estratégia de Mao. Por fim, à luz da experiência nepalesa, será feita uma breve conclusão a respeito da validade dos ensinamentos de Mao Tsé-Tung na atualidade.

---

<sup>4</sup> <http://www.kantipuronline.com/kolnews.php?&nid=92143>

<sup>5</sup> Quatro oficiais da Marinha do Brasil (incluindo o autor deste trabalho) e três oficiais do Exército Brasileiro foram enviados pelo Governo Brasileiro para exercerem a função de Observador Militar no Nepal por um período de um ano (Portaria Nº 1.839/SPEAI/MD, de 22 de dezembro de 2006). A convivência direta com os envolvidos na guerra revolucionária, que durara dez anos, possibilitou a aquisição de conhecimentos úteis sobre o emprego prático da estratégia de guerrilha de Mao Tsé-Tung. Além de outras atividades, este autor participou, por cerca de 9 meses, de um grupo composto por representantes militares da United Nations Mission in Nepal (UNMIN) e funcionários da United Nations Development Programme (UNDP) e da United Nations Children's Fund (UNICEF), oportunidade em que foram visitados todos os acampamentos em que se concentravam os guerrilheiros maoístas e entrevistados cerca de 30.000 militantes.

<sup>6</sup> <http://www.unmin.org.np>

<sup>7</sup> [http://newswww.bbc.net.uk/2/hi/south\\_asia/3571884.stm](http://newswww.bbc.net.uk/2/hi/south_asia/3571884.stm)

## 2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO CONFLITO

O Estado Nepalês foi dominado, desde 1846, por uma série de primeiros ministros, pertencentes à família Rana, que mantinham o monarca como figura simbólica e governavam o país de acordo com os seus interesses pessoais, mantendo um isolamento do Nepal por receio da influência estrangeira (THAPA, 2003).

Esse regime foi a base para a formação de um Estado com uma economia agrária extremamente pobre, e com uma sociedade dividida entre alguns beneficiados e uma grande massa de miseráveis.

Em 1951, um movimento de oposição levou ao poder o Rei Tribhuvan. Com a sua morte em 1955, sucedeu ao trono seu filho Mahendra, e foi realizada uma eleição em 1959 para o cargo de Primeiro Ministro, onde foi eleito BP Koirala. Contudo, em 1960, Mahendra prendeu o Primeiro Ministro, baniu os partidos políticos e tornou-se governante com poderes absolutos, acabando com o insipiente regime democrático. Mahendra morreu em 1972 e foi sucedido por seu filho Birendra, que manteve um regime ditatorial, usando a censura e o aparato militar e policial para permanecer no poder. Corrupção, prisões em massa, torturas e perseguições a políticos da oposição eram prática comum do regime (MAYHEW, 2003).

Esse período de poder absoluto do Rei deu continuidade à mesma política atrasada conduzida desde o século XIX pela dinastia Rana, ampliando as desigualdades sociais e o número de pessoas sem perspectiva de futuro.

Em 1989, o Rei Birendra, sob forte pressão da oposição, autorizou a volta dos partidos políticos (MAYHEW, 2003).

Apesar de eleições para uma assembleia constituinte terem sido realizadas em 1991, a atmosfera política era tensa. A monarquia continuou trabalhando para manter seu poder e os partidos políticos não sabiam como codificar regras democráticas. Essa situação encorajou a impunidade e incentivou os políticos a atuarem de forma ineficiente e corrupta, gerando grande insatisfação popular. A instabilidade era alta e entre 1990 e 2003 o Nepal teve treze governos. O país continuava a sofrer as péssimas conseqüências de um regime que agia somente em prol dos interesses de seus governantes (INTERNATIONAL..., 2003a)<sup>8</sup>.

Nesse ambiente inconsistente, havia alguns partidos de linha comunista participando do governo e outros, mais à esquerda, que não acreditavam na viabilidade da democracia multipartidária (THAPA, 2003). Protestos de rua, com várias mortes, terminaram

---

<sup>8</sup> <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=1642&l=1>

com a convocação de novas eleições em 1994 por GP Koirola (irmão de BP Koirola). Mas a insatisfação popular com a ineficiência e corrupção do governo era enorme (MAYHEW, 2003).

Nessa época, atividades comunistas na região rural apareciam como uma ameaça e o governo iniciou, em novembro de 1995, a “Operação Romeo”, que empregou a polícia em uma repressão extremamente violenta, incluindo execuções, prisões extrajudiciais, estupros e torturas. Essa operação forneceu o combustível que faltava para uma revolta popular de maiores proporções (INTERNATIONAL..., 2003a).

Em maio de 1994, da união de facções comunistas radicais, formou-se o CPN-M, liderados por Prachanda. Em um plenário, em março de 1995, ficou decidido que “para a verdadeira liberação do povo, todos os esforços deverão se concentrar na ‘Guerra Popular’, a qual antecede uma nova forma de governo democrático do povo” (THAPA, 2003, p. 45, tradução nossa<sup>9</sup>).

Cinco meses mais tarde, em setembro de 1995, foi estabelecido o plano para o início da “Guerra Popular”. O plano continha, dentre outras, as seguintes premissas:

[...] o plano é baseado nas lições do Marxismo-Leninismo-Maoísmo no que diz respeito à violência. [...] **guerra prolongada** baseada na estratégia de **cercar as cidades a partir do campo** em conformidade com as características do nosso país [...] **o Partido mais uma vez reitera seu compromisso com a teoria da guerra popular desenvolvida por Mao** (THAPA, 2003, p. 46, tradução nossa<sup>9</sup>, grifos nossos).

Aproveitando-se da grande revolta popular contra o governo devido a “Operação Romeo”, o CPN-M decide lançar seu primeiro ataque armado em 13 de fevereiro de 1996. Foram atacados um escritório do Banco de Desenvolvimento Agrário no Distrito de Gorkha e postos policiais nos Distritos de Rolpa, Rukum e Sindhuli. A “Guerra Popular” para estabelecer a “ditadura do proletariado, a marcha para o comunismo e o futuro dourado da humanidade tinha começado” (THAPA, 2003, p. 48, tradução nossa<sup>9</sup>).

Até aqui, pode-se observar que a deflagração do conflito armado é resultado de um longo período histórico onde os diversos governos nepaleses não foram capazes de atender às necessidades elementares de sua população. No próximo capítulo serão analisados os aspectos econômicos, políticos e sociais resultantes de décadas de descaso da elite nepalesa.

---

<sup>9</sup> Texto original em língua inglesa.

### 3 CONTEXTO NEPALÊS NO INÍCIO DO CONFLITO

O conflito armado no Nepal ocorreu dentro de um contexto econômico, político e social fértil para uma revolta popular. Já no início dos anos noventa, dois estudiosos ocidentais, baseados na análise desses aspectos, previram uma provável insurreição. Em 1992, Andrew Nickson afirma: “As perspectivas futuras para o maoísmo no Nepal dependerão [...] de como o governo conduzirá a **histórica negligência e discriminação das pequenas comunidades rurais, as quais representam uma grande parte da população**” (NICKSON<sup>10</sup>, citado por THAPA, 2003, p. 53, tradução nossa<sup>11</sup>, grifo nosso).

Em 1993, Stephen Mikesell notou que o líder do grupo maoísta peruano Sendero Luminoso, Abimael Guzman, que estava preso, havia recebido um número gigantesco de cartas de solidariedade de nepaleses. Provavelmente, esse apoio se devia às semelhanças entre a situação nepalesa e a peruana, indicando que um conflito violento poderia emergir no Nepal. Contudo, o início da “Guerra Popular” foi uma surpresa para as autoridades nepalesas e para o público em geral. A complexa colcha de retalhos étnica do país, aliada a instabilidade política no poder central, além da negligência do governo a tudo que ocorria fora da capital, são algumas das razões que possibilitaram o fácil crescimento maoísta (THAPA, 2003).

Situação semelhante já havia ocorrido na China e não passou despercebida de Mao: “Dentro de muito pouco tempo, nas províncias [...] da China, os camponeses, às centenas de milhões, se erguerão [...] com uma força tão rápida e violenta, que nenhum poder, por maior que seja, poderá suprimi-la” (TSÉ-TUNG, 1961, p. 17).

As causas para os maoístas terem pego em armas e seu movimento ter crescido rápido são resultantes de um conjunto de aspectos econômicos, políticos e sociais que serão vistos a seguir.

#### 3.1 Situação econômica

Os maoístas reivindicavam, em 1996, que a luta armada se justificava porque os governos, ao longo da história do Nepal, nunca foram capazes de implementar reformas econômicas que melhorassem a vida da população (THAPA, 2003).

Em 1989, o Banco Mundial classificava a renda per capita do Nepal na 115<sup>a</sup>

---

<sup>10</sup> NICKSON, Andrew. **Democratization and the Growth of Communism in Nepal: A Peruvian Scenario in the Making?** Journal of Commonwealth and Comparative Politics, 1992.

<sup>11</sup> Texto original em língua inglesa.

posição, dentro de um universo de 120 países<sup>12</sup>, com a agravante de ter uma baixa taxa de crescimento e alta inflação. A agricultura representava 57% do Produto Interno Bruto (PIB) e 93% da força de trabalho. Cerca de 40% da população vivia abaixo da linha de pobreza. A pouca riqueza do país é fortemente concentrada na região da capital, Kathmandu. A expectativa de vida nas regiões montanhosas, onde os maoístas se fortaleceram primeiro, era de 42 anos (THAPA, 2003). A estrutura de transporte era muito deficitária. A maioria das vilas é interligada por caminhos percorridos a pé, e algumas delas distam até 20 dias de caminhada até um local servido por rodovia (MAYHEW, 2003).

A ausência do Estado e o extremo nível de pobreza nas regiões rurais explicam a facilidade que os maoístas encontraram para recrutar voluntários para sua causa. As pessoas abraçavam a luta armada muito mais pelas condições econômicas do que pelos ideais do Marxismo-Leninismo-Maoísmo (THAPA, 2003).

### **3.2 Situação política**

As privações econômicas certamente contribuíram para que os maoístas fossem apoiados em sua luta armada por significativa parte da população, mas essa não foi a única razão. Esse apoio também está relacionado à estrutura do Estado e a uma sensação generalizada da maioria das pessoas de serem negligenciadas pelos políticos. A polarização entre os comunistas e outros partidos também é um fator que contribuiu para a radicalização em direção à luta armada. Os partidos de direita eram fortes na capital e os comunistas nas regiões rurais. Com a economia concentrada em Kathmandu, os políticos da capital detinham o poder em suas mãos, mas abandonavam o interior para os comunistas, que passaram a contar cada vez mais com um maior número de simpatizantes. Para tentar reduzir o poder da esquerda, o poder central passou a persegui-los de forma brutal, o que aumentou ainda mais a aversão da população ao governo, que passou a ser visto como inimigo (THAPA, 2003).

### **3.3 Situação social**

O crescimento do maoísmo no Nepal também está associado à situação social. A existência de mais de 60 grupos étnicos divididos em castas é um fator extremamente complicador. O Nepal adotava o hinduísmo como religião oficial, o que reforçava o sistema

---

<sup>12</sup> Em 2008, o Nepal ocupava a 195ª posição, dentro de um universo de 210 países. Fonte: Banco Mundial. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

de castas e a manutenção de algumas delas no poder. O restabelecimento da democracia em 1989 trouxe expectativas para as etnias menos favorecidas, que passaram a lutar por mais representatividade. Os partidos comunistas, e mais tarde o CPN-M, defendiam o fim da religião oficial, do sistema de castas e da discriminação cultural (THAPA, 2003).

Com uma população<sup>13</sup> onde mais da metade tinha menos de 19 anos, havia no país um enorme número de jovens miseráveis disponíveis para serem mobilizados por qualquer organização oferecendo oportunidades (MARKS, 2009)<sup>14</sup>.

Como visto, o contexto econômico, político e social no Nepal era bastante fragilizado. Sob certa medida, podia ser comparado à situação chinesa que antecedeu sua revolução: “a China, na década de 1910, havia caído para os patamares mais baixos entre as nações: eram 400 milhões em um imenso território, mas onde o governo não governa” (FREMANTLE, 1962, p. XV, tradução nossa<sup>15</sup>).

Não foi coincidência os maoístas terem recebido vultoso apoio da população rural mais pobre e discriminada. Um oficial do Royal Nepalese Army (RNA)<sup>16</sup> escreveu dois meses antes de ser morto em combate pelo PLA:

Nos cantos remotos de nosso país, onde a maioria dos negligenciados, explorados e oprimidos estão vivendo, não há diminuição do apoio aos maoístas; não há governo e não há alternativas para as pessoas. Eles não tem nada a perder. Deixando de lado a moralidade e os métodos dos maoístas, eles parecem oferecer a única esperança (THAPA, 2003, p. 178, tradução nossa<sup>14</sup>).

A seguir, serão analisadas a estrutura e a estratégia dos maoístas nepaleses, onde poderão ser observadas diversas semelhanças e algumas diferenças entre o que a doutrina de Mao Tsé-Tung estabelece e o que se deu no conflito nepalês.

---

<sup>13</sup> A população do Nepal era de 28 milhões de habitantes em 2007 (GUIMIRE, 2008).

<sup>14</sup> <http://www.satp.org/satporgtp/publication/faultlines/volume19/Article2.htm>

<sup>15</sup> Texto original em língua inglesa.

<sup>16</sup> Exército Real Nepalês (tradução nossa).

## 4 A ESTRUTURA DOS MAOÍSTAS NEPALESES

Mao deixava clara sua política na condução da Revolução Chinesa: “O nosso princípio é o seguinte: o Partido comanda o fuzil, e jamais permitiremos que o fuzil comande o Partido” (TSÉ-TUNG, 2006, p. 80).

O CPN-M usou a cartilha de Mao Tsé-Tung para orientar sua luta pelo poder. As “três armas mágicas”<sup>17</sup> balizaram a sua estrutura: “é imprescindível, como ensinado pelo Camarada Mao, desenvolver os três instrumentos” (PRACHANDA<sup>18</sup>, citado por INTERNATIONAL..., 2005b, p. 7, tradução nossa<sup>19</sup>)<sup>20</sup>, tendo o partido político precedência sobre o exército, e este sobre a frente popular. Todos estavam subordinados ao líder Prachanda, cuja personalidade era cultuada à semelhança de Mao Tsé-Tung (THAPA, 2003).

No Nepal, as “três armas mágicas” eram representadas pelo CPN-M, pelo PLA e pela “United Front”<sup>21</sup> (anexo A).

### 4.1 O Partido

O CPN-M era o responsável por todas as atividades da “Guerra Popular” e pelo desenvolvimento da política. Sua organização seguia os princípios comunistas. O firme controle do partido está em seu “Quartel-General”, que na prática é controlado por Prachanda (INTERNATIONAL..., 2005b). Suas operações estão divididas em cinco áreas geográficas, quatro no Nepal e uma no exterior, basicamente na Índia (THAPA, 2003).

### 4.2 O Exército

Tendo iniciado a “Guerra Popular” sem armamentos adequados, os maoístas, nos primeiros anos de luta, utilizavam unidades de guerrilha para suas operações. Em 1997, ameaças à população e aos políticos locais garantiram aos maoístas certo grau de controle

---

<sup>17</sup> Em outubro de 1939, o PCC publicou um artigo em que consolidava a experiência de seus últimos 18 anos, destacando o fato de o PCC ter desenvolvido a doutrina das “três armas mágicas” a partir da adaptação do bolchevismo à realidade chinesa. Essas “três armas mágicas”, o PCC (líder das outras duas “armas mágicas”), o Exército Vermelho e a Frente Unida, seriam fundamentais para derrotar os inimigos do povo da China (MARXISTS..., 2009).

<sup>18</sup> PRACHANDA. **Some Important Documents of Communist Party of Nepal - Maoist**. Janadisha Publications, 2004 (INTERNATIONAL..., 2005b).

<sup>19</sup> Texto original em língua inglesa.

<sup>20</sup> <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=3768&l=1>

<sup>21</sup> Frente Unida (tradução nossa).

sobre alguns distritos do interior. Somente a partir desse momento o governo central passou a ver os maoístas como uma ameaça real. Então, em maio de 1998, foi lançada a “Operação Kilo Sierra Two”, que se caracterizou por uma matança generalizada de qualquer pessoa suspeita de ligação com os maoístas. Essa operação gerou forte revolta popular e aumentou consideravelmente o fluxo de voluntários para ingressar nas fileiras maoístas (THAPA, 2003).

A guerrilha passou então a ser muito bem organizada e treinada e, no início de 2001, derrotou de fato as forças policiais. Em setembro de 2001, os maoístas anunciaram a formação do PLA e, em novembro, atacaram o RNA (INTERNATIONAL..., 2005b). A partir desse evento, o Rei autorizou a entrada do RNA no conflito (RACINE, 2009)<sup>22</sup>.

Com o crescimento do efetivo do PLA, em junho de 2002, o CPN-M decidiu organizá-lo em brigadas. Em agosto de 2004 consolidaram-se três divisões, uma para cada terça parte do território nepalês. Estima-se que, em 2005, os maoístas contavam com 4.000 guerrilheiros, 5.000 milicianos com treinamento de guerrilha e mais de 20.000 milicianos armados<sup>23</sup>. Especulava-se haver também cerca de 100.000 milicianos desarmados em condições de reforçar o PLA (INTERNATIONAL..., 2005b). Em 2006 havia sete divisões maoístas espalhadas por todo o país (UNITED, 2009) (anexo B).

Além do uso de voluntários, os maoístas usavam, mulheres<sup>24</sup>, crianças<sup>25</sup> e recrutamento forçado. Campanhas como “uma residência, um guerrilheiro” eram comuns; nessas ocasiões as famílias eram obrigadas a enviar um de seus filhos para ingressar no PLA (INTERNATIONAL..., 2005b).

Não se tem notícias de casos de indisciplina no PLA. Isso é atribuído ao sistema dual de controle, isto é, as unidades militares principais tinham um comandante militar e um comissário político, sendo este último de maior hierarquia (INTERNATIONAL..., 2005b).

### 4.3 A Frente Unida

Na China, o conceito de Frente Unida foi fundamental para a vitória dos comunistas. Segundo Mao: “qual é a tarefa tática fundamental do partido? Não é outra senão criar uma ampla frente única nacional revolucionária” (TSÉ-TUNG, 1961, p.156). A idéia é

<sup>22</sup> <http://dipl.uol.com.br/2003-07,a685>

<sup>23</sup> Para efeito de comparação, é interessante destacar que o efetivo do RNA era de cerca 50.000 no ano de 2001 (THAPA, 2003) e expandiu para cerca de 80.000 em 2005 (MARKS, 2009).

<sup>24</sup> Houve um esforço especial dos maoístas para receber o apoio das mulheres. Essas, sempre discriminadas nas ações dos governos, ansiavam por emancipação. Foram amplamente empregadas como combatentes, representando cerca de 30% a 40% do efetivo do PLA (INTERNATIONAL..., 2005b).

<sup>25</sup> Estima-se que 30% do PLA seja de menores de 18 anos (WATCHLIST..., 2005).

reunir todas as forças disponíveis contra o inimigo. Os maoístas nepaleses visualizaram uma composição de organizações<sup>26</sup> que serviriam para apoiar a luta armada<sup>27</sup> conduzida pelo PLA. Grupos étnicos excluídos, castas baixas e grupos feministas também compunham a Frente Unida (INTERNATIONAL..., 2005b). A bandeira em defesa de uma melhor educação, por exemplo, permitiu o uso de estudantes que, embora não fossem membros do CPN-M, atuavam, na prática, como ramificações do partido (MARKS, 2009).

#### 4.4 Armamentos e recursos financeiros

Ao iniciar sua campanha armada, os maoístas não contavam com armamentos. Iniciaram seu arsenal capturando-os da polícia e posteriormente do RNA. Fabricavam armas caseiras, principalmente minas. O mercado negro na Índia também era uma fonte de armamentos, especialmente munição (INTERNATIONAL..., 2005b).

Estima-se que o custo anual para manter um guerrilheiro no PLA seja de 250 dólares americanos, excluídas as despesas com alimentação, acomodação, assistência médica, armamento e munição. Com o aumento do número de guerrilheiros, os maoístas tinham um grande problema financeiro para resolver. Suas principais fontes de recurso eram doações, extorsões e roubo a bancos (INTERNATIONAL..., 2005b). Os ganhos não eram grandes, mas adequados para adquirir armamentos no mercado negro indiano para complementar o arsenal capturado das forças de segurança (MARKS, 2009). Não há comprovação de um grande fluxo de dinheiro proveniente do exterior, o que torna os maoístas mais dependentes da economia local. No entanto, fica evidente que a escassez de recursos financeiros não impediu os maoístas de montarem uma estrutura a nível nacional (INTERNATIONAL..., 2005b).

A organização dos maoístas em três componentes, isto é, o CPN-M, o PLA e a Frente Unida, demonstra o vínculo entre a insurgência nepalesa e a doutrina de Mao. A estratégia, como será visto a seguir, foi sofrendo influência no decorrer do conflito, mas a organização se manteve a mesma, sendo que as decisões do partido prevaleceram.

<sup>26</sup> Em 2000, os maoístas já contavam com cerca de 20 organizações na Frente Unida. As principais eram uniões de estudantes, comerciantes rurais, mulheres, professores, intelectuais e organizações ligadas às classes menos favorecidas (INTERNATIONAL..., 2005b). A “Liga Jovem Comunista”, criada pelos maoístas em 2007, era utilizada para criar desordem, especialmente nas zonas urbana (GUIMIRE, 2008).

<sup>27</sup> Um exemplo de apoio armado foi um ataque a bomba da “Nepal Trade Union Federation” a um hotel cinco estrelas ligado à família real (INTERNATIONAL..., 2005b; BBC NEWS, 2004).

## 5 A ESTRATÉGIA DE MAO TSÉ-TUNG E OS MAOÍSTAS NEPALESES

Segundo Paret (2001), o recurso à guerra de guerrilha foi empregado por Mao, na China, em virtude de o inimigo ser militarmente mais forte. Os maoístas, frente ao Estado Nepalês, tomaram emprestado, para começar a insurgência, a estratégia de guerrilha de Mao (THAPA, 2003). Até 2001, a guerrilha visava principalmente se consolidar, desenvolvendo um exército e uma frente popular. Atacaram instituições governamentais no interior, especialmente pequenos postos policiais. Foram eficientes em angariar adeptos devido à negligência governamental com o movimento e pela disponibilidade de uma grande massa de pessoas em estado de miséria (MARKS, 2009).

Como será descrito a seguir, essa primeira fase da guerra foi marcada por um maior rigor no emprego da doutrina de guerrilha de Mao Tsé-Tung. Alguns preceitos de Mao se destacam como sendo os mais valorizados pelos maoístas nepaleses.

Segundo Mao, “todos os comunistas devem compreender a seguinte verdade: ‘o poder político nasce do fuzil’” (TSÉ-TUNG, 2006, p. 55). A estratégia com a qual os maoístas nepaleses iniciaram sua luta se baseava no conflito armado, e o poder do CPN-M pode ser atribuído à sua força militar, representada pelo PLA.

A violência era vista pelos maoístas como inevitável: “As pessoas não têm obtido o mínimo de ganho sem violência. Hoje, a sociedade nepalesa chegou a tal ponto de crise [...] que não há alternativa por parte do povo a não ser esmagar o atual sistema político” (PRACHANDA<sup>28</sup>, citado por INTERNATIONAL..., 2005b, p. 21, tradução nossa<sup>28</sup>). A justificativa para a violência era encontrada no pensamento de Mao:

[...] uma revolução não é o mesmo que convidar pessoas para jantar ou escrever um ensaio [...]. Uma revolução é [...] **um ato de violência** onde uma classe derrota a outra [...]. Se os camponeses não usarem o **máximo de sua força**, eles nunca poderão derrotar a autoridade do senhor feudal (Mao Tsé-Tung<sup>29</sup>, citado por INTERNATIONAL..., 2005b, p. 20, tradução nossa<sup>30</sup>, grifos do autor).

Conforme a teoria de Mao, era fundamental contar com uma massa populacional: “como a guerra revolucionária é uma guerra de massas, só poderemos levá-la a cabo mobilizando as massas e apoiando-nos nela” (TSÉ-TUNG, 1961, p. 140). Como foi visto, esse requisito pôde ser apropriadamente cumprido no Nepal.

---

<sup>28</sup> PRACHANDA. “**War Policy of Nepalese New Democratic Revolution in the Context of Historical Development**” in Problems and Prospects of Revolution in Nepal. Janadisha Publications, 2004 (INTERNATIONAL..., 2005b).

<sup>29</sup> TSÉ-TUNG, Mao. **Report of an Investigation into the Peasant Movement in Hunan to the Central Committee of the Chinese Communist Party**. Jacobs and Baerwald, 1927 (INTERNATIONAL..., 2005b).

<sup>30</sup> Texto original em língua inglesa.

Mao tinha como princípio que o inimigo é o principal fornecedor de armas, munições e de material de toda sorte, tomados durante o combate (BONNET, 1963). Os maoístas nepaleses utilizaram essa estratégia desde o princípio da “Guerra Popular”, apresando material em assaltos à polícia e ao RNA (INTERNATIONAL..., 2005b).

“Atacar primeiramente as forças dispersas e isoladas do inimigo, e atacar depois as suas forças concentradas e poderosas [e] tomar primeiramente as cidades pequenas e médias, bem como as grandes regiões rurais e tomar depois as grandes cidades” (TSÉ-TUNG, 2006, p. 76). Estes foram os princípios de Mao nos quais os maoístas nepaleses se basearam para iniciar suas operações nas cidades menores e atacarem primeiro postos policiais isolados para, posteriormente, atacar o RNA (THAPA, 2003).

Como instrui Mao, “a ofensiva na guerrilha geralmente é na forma de ataque surpresa” (TSÉ-TUNG, 1968, p. 157, tradução nossa<sup>29</sup>). O PLA empregou amplamente a surpresa e se demonstrou eficaz em pegar o inimigo desprevenido (THAPA, 2003).

Os maoístas nepaleses também empregaram o conceito de Mao de que “uma das principais características das operações do Exército Vermelho, decorrente do fato de que o inimigo é forte e o Exército Vermelho é tecnologicamente fraco, reside na ausência de uma frente operacional fixa” (TSÉ-TUNG, 1961, p. 233, tradução nossa<sup>31</sup>). Isso foi possível porque o Nepal, apesar de ter dimensões geográficas reduzidas se comparadas à China, possui território montanhoso que dificultava o desdobramento e a logística do RNA (THAPA, 2003).

Outro preceito de Mao Tsé-Tung empregado pelo CPN-M foi o da guerra prolongada: “travada sem esperança de vitória dentro de um determinado tempo, mas baseada na manutenção, por todo o tempo, da unidade entre o exército e o povo” (INTERNATIONAL..., 2005b, p. 22, tradução nossa<sup>29</sup>). Mao preceituava: “quanto mais longa a guerra, mais as posições do inimigo deterioram” (FREMANTLE, 1962, p. XLVII, tradução nossa<sup>29</sup>). Conforme escreve Paret:

A "guerra prolongada" era promessa de exaustão do inimigo, [...] já que estava impossibilitado de chegar às vitórias velozes, dentro da tradição do Ocidente<sup>32</sup> [...] tentar manter território poderia ser suicídio para as forças guerrilheiras, mas operando em terreno amplo e movimentado, melhor conhecido por tais forças do que pelo inimigo, elas poderiam instigar, iludir e desgastar por completo o oponente (PARET, 2001, p. 499).

Seguindo essas idéias, o PLA iniciou uma guerra rural, com o objetivo de cercar as cidades, sem estabelecer prazos para o fim do conflito, corroendo a vontade política de

<sup>31</sup> Texto original em língua inglesa.

<sup>32</sup> Na tradição ocidental, condensada em Napoleão, a vitória militar deveria ser alcançada rapidamente, e a captura ou a defesa de território era capital para o objetivo maior da guerra (PARET, 2001, p. 499).

lutar do Estado (INTERNATIONAL..., 2005b). Essa estratégia consistia de três estágios flexíveis, que se desenrolam no tempo: defensiva estratégica, equilíbrio e ofensiva estratégica (BONNET, 1963). O primeiro estágio envolve um combate móvel de guerrilha e a criação de uma frente popular. O segundo estágio ocorre quando o inimigo se limita a proteger as áreas urbanas e delas lançar ataques aos guerrilheiros. O último estágio se dá quando os rebeldes iniciam um ataque final contra as forças regulares. No fim de 2002, os maoístas consideravam que estavam prestes a iniciar o terceiro estágio de seu plano (THAPA, 2003).

É inegável que a doutrina de guerrilha de Mao foi efetivamente empregada no Nepal. No início de 2005, um agente de segurança do governo nepalês declarou:

Os maoístas estão seguindo um manual muito simples mas terrivelmente eficiente. Você precisa apenas dar uma olhada nos escritos de Mao sobre estratégia de guerrilha para perceber que os maoístas estão empregando seus livros. E, infelizmente, nós sabemos o quanto isso tem provado ser uma fórmula de sucesso (INTERNATIONAL..., 2005a, p. 8, tradução nossa<sup>33</sup>)<sup>34</sup>.

Os preceitos supracitados demonstram que os conceitos de Mao balizaram a guerrilha maoísta no Nepal, e que ela foi válida, principalmente considerando-se os anos iniciais. O crescimento do movimento ocorreu devido à aplicação dos conhecimentos de Mao.

Entretanto, no decorrer do conflito, alguns conceitos foram empregados com flexibilidade. A política e a estratégia militar foram conduzidas de acordo com as circunstâncias, procurando aprender com seus próprios erros, bem como com os erros de outros grupos maoístas de outras partes do mundo (INTERNATIONAL..., 2003b)<sup>35</sup>.

## 5.1 A valorização da massa urbana

Apesar da forte sintonia entre a estratégia dos maoístas nepaleses e os preceitos de Mao há, porém, uma diferença significativa entre as duas formas de conduzir a revolução. O líder chinês apoiava sua estratégia nos camponeses: “Mao [...] em 13 de dezembro de 1930, tomou a decisão radical de abandonar a linha política preconizada por Moscou e passou a estruturar o movimento revolucionário com base nos camponeses” (BRASIL, 2007).

No Nepal, em fevereiro de 2001, durante uma convenção do CPN-M para avaliar o desenrolar da guerra até aquele momento, concluiu-se que a simples imitação do processo revolucionário chinês não funcionaria. Surgiram dúvidas a respeito de a guerrilha rural, por si só, contribuir significativamente para a conquista do poder central em Kathmandu (THAPA,

<sup>33</sup> Texto original em língua inglesa.

<sup>34</sup> <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=3260&l=1>

<sup>35</sup> <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=2328&l=5>

2003). Ao final dessa convenção, o próprio Prachanda propôs uma nova estratégia, a *Prachandapath*<sup>36</sup>, que enfatizava insurreição urbana. Houve um casamento entre as táticas maoístas e leninistas, onde as guerras rurais e urbanas se complementariam. A *Prachandapath* propunha táticas de contínua intervenção do CPN-M na política nacional, greves e protestos populares, tentativas de gerar revoltas dentro do RNA e uso de estudantes para tumultuar as ruas de Kathmandu. Algumas explosões também foram realizadas pelos maoístas na capital (INTERNATIONAL..., 2005b).

O resultado dos maoístas em Kathmandu não se compara ao êxito na área rural. Nesta, a ausência do Estado facilitava a tomada do poder, enquanto que naquela havia uma miríade de forças, desde o Rei e o RNA, até diversos segmentos políticos contrários a um regime comunista (INTERNATIONAL..., 2005b). A violência das ações urbanas não colaborou para aumentar o prestígio maoísta entre a população (THAPA, 2003).

A impossibilidade de os maoístas se fortalecerem militarmente na capital demonstrava que uma solução que considerasse somente a luta armada era pouco provável. Como será visto a seguir, a vitória maoísta dependeu também de uma grande capacidade de negociação política.

## 5.2 O impasse militar

O ano de 2001 foi marcado por três eventos fundamentais para os maoístas. O primeiro foi a subida ao trono do Rei Gyanendra<sup>37</sup>, em junho, que, ao contrário do antigo monarca, era favorável ao emprego do RNA contra os maoístas. O segundo foi a renúncia do Primeiro Ministro Koirala, que foi substituído, em julho, por Deuba, cuja postura era reconhecidamente pró-acordo com os maoístas (THAPA, 2003). O terceiro foi o ataque terrorista nos Estados Unidos da América (EUA), em 11 de setembro, que teve como consequência a inclusão dos revolucionários nepaleses na lista dos considerados terroristas

<sup>36</sup> Caminho Prachanda (tradução nossa). A *Prachandapath* foi divulgada e internacionalizada pela revista “*A World to Win*”, publicada pelo *Revolutionary Internationalist Movement* (RIM) (THAPA, 2003). O RIM considera-se o guardião dos princípios do Marxismo-Leninismo-Maoísmo. Foi criado em 1984 por grupos chineses com o objetivo de proteger o legado de MAO (INTERNATIONAL..., 2007b).

<sup>37</sup> Em de junho de 2001, uma chacina dizimou a família real. Durante uma refeição em família, o príncipe herdeiro Dipendra matou seu pai Birendra e seus parentes, antes de tentar cometer suicídio e morrer três dias depois. Seu tio Gyanendra, que não estava presente na reunião, era o único herdeiro direito de Birendra. A tese oficial atribui o ato a um “momento de loucura devido a uma desilusão amorosa”. Mas muitos nepaleses acreditam numa conspiração. Embora nunca comprovada, também é essa a tese dos maoístas, que denunciam uma conspiração contra Birendra por ser este demasiadamente liberal e nunca ter aceito usar o exército para combater os guerrilheiros (RACINE, 2009).

pelos EUA e o apoio deste país ao governo nepalês no conflito<sup>38</sup> (RACINE, 2009). Cada um desses eventos influenciou diferentemente os acontecimentos.

Deuba e Prachanda iniciaram conversações, não tendo, todavia, chegado a um acordo. Em consequência, em 23 de novembro os maoístas iniciaram uma série de ataques, começando por um quartel do RNA, onde conseguiram uma substancial quantidade de armamentos de boa qualidade<sup>39</sup>. Em 24 de novembro, os maoístas anunciaram a formação do Conselho do Povo da Unidade Revolucionária do Nepal, significando, na prática, um governo paralelo ao de Kathmandu (THAPA, 2003).

Seguiram-se 14 meses de ataques. Apesar dos sucessos militares em certas áreas e da retórica bélica, o CPN-M procurava o diálogo. Em fevereiro de 2002, Prachanda já dizia que “nós nunca fechamos as portas das conversações para encontrar uma solução política e nunca faremos isso no futuro” (THAPA, 2003, p. 132, tradução nossa<sup>40</sup>). A idéia inicial de tomada do poder exclusivamente pela vitória militar começava a dar sinais de desgaste.

Um grave problema para o PLA era o recrutamento. Com o recrudescimento dos combates, muitos nepaleses que haviam se afiliado aos maoístas decidiram se dissociar do movimento. Os jovens do interior, com medo tanto do recrutamento forçado, quanto da repressão governamental, estavam fugindo para a Índia. O agravamento da situação deixou os maoístas somente com aqueles combatentes prontos para se sacrificarem em nome da causa revolucionária (THAPA, 2003).

Quanto ao RNA, é interessante destacar que, de 1996 a 2001, ele havia assistido passivamente as forças policiais tentarem vencer o movimento revolucionário<sup>41</sup>. Quando chegou sua vez de entrar na luta, o RNA percebeu que seu oponente, o PLA, era mais do que apenas um grupo armado, já contando com seis anos de experiência, pessoal motivado e armamento significativo. Na verdade, o RNA era um exército de representação, cuja principal tarefa era participar de missões de paz da ONU (THAPA, 2003). O relativo sucesso das operações do PLA pode ser atribuído em grande parte ao fato de o governo do Nepal não possuir uma real capacidade policial e militar para fazer frente a um movimento guerrilheiro.

---

<sup>38</sup> Os maoístas se haviam tornado “terroristas” que o exército procurava eliminar, com o apoio de assessores norte-americanos, após a breve visita de Colin Powell, secretário de Estado, a Katmandu, em 18 de janeiro de 2002. Este ofereceu armamento leve e financiamento ao governo (RACINE, 2009).

<sup>39</sup> O PLA passou a contar não só com seus fuzis da Segunda Guerra Mundial, mas também com fuzis automáticos modernos, morteiros, metralhadoras e lança-foguetes (THAPA, 2003).

<sup>40</sup> Texto original em língua inglesa.

<sup>41</sup> A entrada atrasada do RNA no conflito se deve basicamente a duas razões. A primeira era a exigência que o RNA fazia para que os maoístas fossem declarados terroristas, de modo a fornecer as bases legais para sua participação. A segunda razão era a relutância do RNA em desempenhar atividades de natureza policial, já que poderiam ficar sob a influência de governantes regionais, que poderiam utilizá-lo para atingir objetivos políticos questionáveis (THAPA, 2003).

No decorrer dos combates em 2002, ficou claro que, nem o RNA, nem o PLA, conseguiriam uma vitória militar final. Diante desse quadro, um cessar-fogo foi estabelecido em janeiro de 2003. Entretanto, nenhum acordo formal foi atingido e, em agosto daquele ano, os maoístas voltaram a atacar (THAPA, 2003).

Apesar de os maoístas afirmarem que dominavam 80% do país, o RNA alegava que a incapacidade de os guerrilheiros controlarem com exclusividade um território era um sinal de fraqueza, pois o RNA conseguia operar suas tropas em qualquer distrito nepalês. Em julho de 2004, um grande ataque do RNA a posições do PLA foi considerado um sucesso, mas especialistas militares afirmavam que o “PLA estava somente agindo de acordo com a estratégia de Mao de ‘retrair quando o inimigo avança, não fixando uma frente de combate’, sendo, conseqüentemente, irrelevante a manutenção de territórios”<sup>42</sup> (INTERNATIONAL..., 2005a, tradução nossa<sup>43</sup>). A dicotomia de visões entre as partes tendia a levar a situação a um conflito sem fim.

Embora a “Guerra Popular” tenha alterado radicalmente o ambiente político, ela, em essência, possibilitou aos maoístas controlarem somente as áreas marginais do Nepal. O RNA expandiu seu efetivo e, no início de 2005, tinha posicionado um batalhão em cada distrito do país. Diante desse impasse, e pelo fato de Estados como Índia, EUA, China e Reino Unido condenarem uma solução por meios violentos, os maoístas passaram a acreditar que um conflito de média intensidade atenderia a várias de suas demandas, uma vez que a pressão sobre o governo o levaria a ceder na mesa de negociação (INTERNATIONAL..., 2003b).

Frustrado com a inabilidade de os políticos conduzirem a questão da segurança, o Rei, em fevereiro de 2005, declarou estado de emergência. Esse ato foi altamente controverso e impopular, dando aos maoístas um motivo para compor uma frente de partidos políticos marginalizados. Aproveitando-se do desejo de paz da população, os maoístas habilmente apontaram a monarquia como fonte dos conflitos, bem como o RNA e a polícia como contrários ao apelo popular pela paz. Nesse contexto conturbado, surgiu um grande movimento popular, conhecido como “Movimento de Abril de 2006”, quando milhares de pessoas foram às ruas protestar contra o estado de emergência. Os militares não intervieram e deixaram o evento correr livremente, uma vez que uma reação ao enorme número de

---

<sup>42</sup> Nessa situação, o PLA declarava que estava vencendo com base na doutrina de Mao: “A idéia de que a vitória estratégica está determinada pelos êxitos táticos é errada, porque a vitória ou a derrota em uma guerra depende principalmente de que se leve em conta a situação em seu conjunto e cada uma das etapas da guerra” (TSÉ-TUNG, 1970, p. 10).

<sup>43</sup> Texto original em língua inglesa.

manifestantes poderia terminar em catástrofe. GP Koirola voltou ao cargo de Primeiro Ministro, iniciando seu quarto mandato em 28 de abril de 2006 (MARKS, 2009).

### 5.3 Ameaça militar como arma política

Os maoístas, no decorrer de 10 anos de conflito, se transformaram em uma poderosa força política. Seus ganhos, segundo sua própria avaliação, foram o fim do velho regime, o aumento do poder do CPN-M como organização política, a evolução do PLA de guerrilha para um exército e o estabelecimento de um governo paralelo no Nepal. Mas os acontecimentos demonstravam que eles não poderiam continuar sozinhos e deveriam ser mais flexíveis para aumentar esses ganhos (INTERNATIONAL..., 2007a)<sup>44</sup>.

Com o desenrolar dos acontecimentos, o purismo doutrinário estava cedendo lugar ao pragmatismo. Os maoístas mudaram seu enfoque, reconhecendo três aspectos críticos que se alteraram desde o início do conflito: sua crença em uma vitória puramente militar tinha sido equivocada, pois eles não conseguiram um forte apoio popular em Kathmandu e o apoio internacional ao RNA foi significativo<sup>45</sup>; a reação internacional não foi favorável ao conflito violento, principalmente após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA; e reconheceram as falhas dos regimes comunistas do século XX (INTERNATIONAL..., 2007a).

O plano original dos maoístas era formar uma ditadura do proletariado similar a da China. Nesse caso, seus primeiros alvos foram o sistema parlamentarista e a monarquia. O curso do conflito e as mudanças no contexto político os persuadiram a rever o plano inicial. Eles passaram, então, a demandar: uma assembléia constituinte, uma república e um sistema multipartidário (INTERNATIONAL..., 2007a).

A partir do “Movimento de Abril de 2006”, uma série de arranjos culminou com o “Comprehensive Peace Agreement”<sup>46</sup>, em 21 de novembro de 2006, que trouxe os maoístas para dentro do sistema e simbolizou a rendição da velha ordem, com o poder da monarquia sendo esvaziado. Uma constituição interina foi aprovada em 15 de janeiro de 2007 e o CPN-M entrou formalmente no governo em 1 de abril de 2007 (MARKS, 2009).

---

<sup>44</sup> <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=4842>

<sup>45</sup> Prachanda disse: “quando atacamos o RNA pela primeira vez, nós pensamos que poderíamos conquistar Kathmandu militarmente. Depois, contudo, quando os EUA, Reino Unido e Índia começaram apoiar militarmente o RNA, isso ficou muito difícil. É por isso que acreditamos que no mundo de hoje não é possível ir adiante somente militarmente” (INTERNATIONAL..., 2007a, p. 2, tradução nossa).

<sup>46</sup> Acordo de Paz Abrangente (tradução nossa).

Apesar dessas realizações, os maoístas foram obrigados a fazer sérias concessões<sup>47</sup>. Eles terminaram a “Guerra Popular” sem assegurar seu objetivo de constituir uma república. Ao invés disso, eles decidiram entrar no governo para posteriormente usar sua força para negociar. Prachanda afirmava que, naquele momento, a revolução tinha atingido 60% de seus objetivos e os outros 40% viriam com a eleição para a assembléia constituinte (INTERNATIONAL..., 2007a).

Uma eleição para a uma assembléia constituinte foi planejada para novembro de 2007, mas os maoístas passaram a sabotar essa data, tentando obter vantagens políticas. Traíndo compromissos anteriormente assumidos, os maoístas trouxeram novas demandas, em especial a implantação da república. Quando, em setembro de 2007, os outros partidos se negaram a aceitar essa condição, os maoístas saíram do governo e iniciou-se um impasse, com Prachanda fazendo ameaças de recomeçar a “Guerra Popular” (GUIMIRE, 2008). A linha de raciocínio dos maoístas era que, desde que eles conseguissem o que eles queriam, eles não retornariam à violência, mas quando as negociações não funcionassem, eles reconsiderariam sua postura (MARKS, 2009). Uma eleição sem a presença dos maoístas teria pouco valor, uma vez que eles mantinham a capacidade de fazer o país ingovernável caso desejassem (INTERNATIONAL, 2007b)<sup>48</sup>. Com essa pressão, o que se sucedeu foi o que queria o CPN-M: os outros partidos políticos concordaram com a república e, em dezembro, eles retornaram ao governo (MARKS, 2009). Finalmente, a eleição para a assembléia constituinte ocorreu em 10 de abril de 2008, com uma vitória do CPN-M, que liderou a assembléia e a extinção da monarquia em maio (INTERNATIONAL..., 2008)<sup>49</sup>.

Nas eleições para Primeiro Ministro, em 15 de agosto de 2008, Prachanda foi eleito. Assumia, então, o poder, no Nepal, o líder de uma guerrilha que contabilizou, durante o conflito, cerca de 13.000 mortos e milhares de desabrigados (BBC..., 2008)<sup>50</sup>. Prachanda foi o primeiro maoísta na história a ser eleito como Chefe de Estado (THE WALL..., 2008)<sup>51</sup>.

---

<sup>47</sup> Simpatizantes e apoiadores da insurgência, como o Revolutionary Internationalist Movement (RIM) e o “Indian Maoists”, têm criticado a postura dos maoístas nepaleses na assinatura do “Comprehensive Peace Agreement”, pois teria havido uma traição aos princípios fundamentais do comunismo e as vantagens obtidas durante a guerrilha teriam sido desperdiçadas. Muitos membros do RIM, e movimentos afins, têm criticado a nova estratégia de Prachanda, que tem dito que a revolução não pode ser feita pelas táticas e estratégias clássicas. Prachanda responde a seus críticos que os maoístas nepaleses teriam atingido a “fase da ofensiva estratégica” enquanto que os seus simpatizantes indianos ainda estariam na fase da “defensiva estratégica” (INTERNATIONAL..., 2007a).

<sup>48</sup> <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?l=1&id=5082>

<sup>49</sup> <http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=5552>

<sup>50</sup> [http://news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/7563816.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7563816.stm)

<sup>51</sup> [http://online.wsj.com/article/SB121985913495976891.html?mod=opinion\\_main\\_commentaries](http://online.wsj.com/article/SB121985913495976891.html?mod=opinion_main_commentaries)

Prachanda iniciou seu movimento armado em 1996 com a intenção de seguir a doutrina de Mao Tsé-Tung, pois, naquela época, fazia sentido adotá-la, uma vez que o Nepal tinha características que indicavam uma semelhança com a China revolucionária<sup>52</sup>. Com o passar dos acontecimentos, sentiu necessidade de adaptá-la, atribuindo também importância às ações no centro urbano de poder do país, assim como flexibilizando seus objetivos iniciais.

Mao Tsé-Tung vivenciou situação semelhante na China. Como ensina Paret (2001), os comunistas em sua luta contra os nacionalistas, e também no combate aos japoneses, entenderam que o modelo marxista da revolução do proletariado não se aplicava à China, cuja sociedade agrária tinha um setor industrial fraco. Pode-se dizer que Mao flexibilizou a doutrina marxista e se desviou das cidades e dos trabalhadores para buscar o suporte principal da revolução no campesinato.

Diante do emprego purista da estratégia de Mao nos primeiros anos de conflito e de uma maior flexibilidade no emprego dessa estratégia nos anos finais, ressurge a questão inicial: seria essa estratégia ainda válida no século XXI? Seu caráter é realmente universal? A análise feita até aqui do caso nepalês já fornece bons indícios da resposta. Mas antes de concluir, com fundamento no caso concreto, é importante examinar algumas idéias contemporâneas que ajudam a iluminar o tema.

---

<sup>52</sup> Segundo Mao, as razões para a sobrevivência de um poder político comunista, cercado por todos os lados por um governo inimigo, só podem ocorrer sob determinadas circunstâncias. Primeira, não pode ocorrer em um país imperialista, mas apenas na China, que é economicamente atrasada e com uma agricultura não centralizada. Segunda, uma série de conflitos econômicos e políticos desencadeados pelas classes de trabalhadores e de camponeses contra a burguesia. Terceira, para a sobrevivência dos movimentos locais, é necessário que a revolução no país inteiro esteja crescendo. Quarta, uma força militar de poder considerável deve existir para apoiar o partido político (TSÉ-TUNG, 1968).

## 6 CRÍTICAS À ESTRATÉGIA DE MAO TSÉ-TUNG

Paret (2001), cita Gerard Chaliand<sup>53</sup>, simpatizante dos movimentos revolucionários, cuja opinião é de que a doutrina de Mao teria validade apenas nas partes achinesadas (sic) da Ásia, onde as sociedades estariam aptas a suportar as vicissitudes da guerra revolucionária, mantendo-se unidas mesmo diante de uma repressão determinada. Ainda dentro da análise de Paret (2001), após 1945, a vitória rebelde tem sido quase sempre contra uma invasão estrangeira ou um regime colonial, ou então contra um regime impopular, corrupto e fraco, como os de Fugêncio Batista em Cuba e do Xá no Irã (PARET, 2001).

A guerra de guerrilha, que tem sido o método central da guerra revolucionária, fundamenta-se normalmente nos camponeses. Estes, por sua vez, não são receptivos a gente educada e urbanizada, que são comparáveis a agentes de um governo distante e inconfiável. Na realidade, quase toda a doutrina revolucionária pós-Mao tem se sustentado em intelectuais, cuja incapacidade para entender o campesinato é notória. O pensamento de Paret é claro: “nesse sentido, a doutrina da guerra revolucionária se torna mitológica, com possibilidades remotas de sucesso” (PARET, 2001. p. 524) e “a vitória dos comunistas chineses parece ser a grande e enganadora exceção” (PARET, 2001. p. 525).

Os camponeses só poderiam ser mobilizados para a guerra revolucionária quando suas vidas estivessem extremamente deterioradas (PARET, 2001). O próprio Mao destacava as péssimas condições de vida na província chinesa de Hunan, argumentando que a revolução chinesa só poderia se basear no campesinato desesperado. Paret (2001) destaca que, examinado as perspectivas futuras sobre a guerra, a experiência de Mao é sugestiva, mas caberia indagar “se grandes quantidades de pessoas, em vastas áreas do mundo, descerão ao nível existencial do campesinato de Hunan, em 1927” (PARET, 2001. p. 530).

Além de Paret, outros autores apontam limitações à doutrina de Mao, destacando o fato de ela ser eminentemente chinesa. Cabe acrescentar que isso é dito pelo próprio Mao:

Nossa guerra é uma guerra revolucionária, que está sendo travada em um país semi-feudal e semi-colonial. Então, nós **temos que estudar** não somente as regras gerais da guerra, mas também as regras da guerra revolucionária e, **principalmente, as leis particulares da guerra revolucionária na China** (FREMANTLE, 1962, p. 75, tradução nossa<sup>54</sup>, grifos do autor).

Devilles argumenta que Mao teria apenas reformulado o que outros pensadores já

---

<sup>53</sup> Gérard Chaliand, nascido em 1934, é um francês-norte-americano especialista em conflitos armados e em estratégia e relações internacionais, particularmente em conflitos assimétricos. Fonte: UNJobs. Disponível em: <<http://unjobs.org/authors/gerard-chaliand>>. Acesso em 13 ago. 2009.

<sup>54</sup> Texto original em língua inglesa.

havia ensinado, sendo sua contribuição relativa por ser unicamente marxista e chinesa. “Mao deixou a China somente três vezes e para ir apenas a Moscou. O que ele realmente sabia a respeito de trabalhadores americanos e europeus, ou sobre camponeses indianos, árabes ou andinos?” (DEVILLES, 1969, p. 293, tradução nossa<sup>55</sup>).

O fato de a doutrina de Mao não ter sido empregada em Cuba em razão da exigüidade de seu território, bem como o General Giap não mencionar os ensinamentos maoístas, é levantado por Castro (1990), que conclui: “seu pensamento militar concentra-se, acima de tudo, na peculiar ‘guerra revolucionária chinesa’ e, portanto, suas idéias não terão a mesma validade se aplicadas a outro cenário, contra outro adversário ou em outra época” (CASTRO, 1990, p. 13).

O cenário internacional também é um campo para a análise da doutrina de Mao. A tentativa de transformar, na década de 1950, o maoísmo em uma alternativa ao comunismo soviético falhou, pois ainda era Moscou, e não Pequim, que o mundo via como força antiamericana: “no final da década de 1960, as autoridades americanas já consideravam que o modelo maoísta não era mais uma ameaça ao Terceiro Mundo, fato que o próprio Mao podia perceber” (CHANG; HALLIDAY, 2006, p. 704).

As análises sobre o pensamento de Mao, tanto por críticos, quanto por admiradores, costumam ser feitas fora do contexto em que Mao estabeleceu seus conceitos. Suas idéias flutuam como se fossem universalmente válidas (PARET, 2001). Entretanto, afirmar que a estratégia de Mao é totalmente inválida pode ser exagerado. É interessante destacar que o próprio Mao aponta a adaptação como parte de sua doutrina:

Diferentes leis para dirigir diferentes guerras são determinadas pelas diferentes circunstâncias de cada guerra – diferenças em seu tempo, natureza e lugar [...] tanto a guerra quanto as leis que dirigem a guerra [...] não podem ser mecanicamente transferidas para outro (TSÉ-TUNG, 1968, p. 79, tradução nossa<sup>55</sup>).

Mao afirma que sua estratégia, que foi formulada para a China, não é adequada para ser transferida mecanicamente para uma outra situação. Ela deve ser adaptada. A partir dessa visão, fica mais simples compreender as mudanças efetivadas pelos maoístas nepaleses no decorrer do seu conflito. O sucesso da guerrilha maoísta no Nepal, em certa medida, enfraquece os argumentos daqueles pensadores que defendem a invalidade atual da doutrina de Mao.

---

<sup>55</sup> Texto original em língua inglesa.

## 7 CONCLUSÃO

Estudiosos, como Paret, Devilles e os demais citados neste trabalho, argumentam que os ensinamentos de Mao Tsé-Tung estariam superados, e que foram úteis somente na China em meados do século passado. São argumentos consistentes, mas que não levaram em consideração o que ocorreu no Nepal a partir de 1996.

A compreensão do sucesso de Prachanda exige a análise de três questões: o contexto em que se deu a guerrilha era um contexto muito peculiar ao Nepal? Os preceitos de Mao foram utilizados à risca? A doutrina de Mao foi empregada ao longo de todo o conflito?

O Nepal se caracteriza por possuir uma economia extremamente atrasada, um sistema político confuso, uma sociedade injusta, um elevado número de pessoas em estado de miséria e um longo histórico de governos ineficientes e negligentes. Esses atributos foram essenciais para os maoístas arregimentarem uma quantidade adequada de seguidores.

Quanto à fidedignidade aos preceitos de Mao Tsé-Tung, é possível afirmar que os maoístas nepaleses foram mais pragmáticos do que puristas. A *Prachandaph* e a assinatura do acordo de paz em 2006, que sofreu críticas de outros grupos maoístas ao redor mundo, sinalizaram uma ruptura com a rigidez doutrinária.

Em relação ao emprego dos ensinamentos de Mao ao longo do conflito, foi observado que os maoístas iniciaram sua luta fortemente fundamentados em Mao, mas foram adaptando a doutrina às novas circunstâncias e que, a partir do momento em que percebeu-se que uma vitória militar seria inviável, as negociações políticas se tornaram a principal arma para a chegada ao poder.

Tanto aqueles que defendem a invalidade da doutrina de Mao, quanto aqueles que defendem a sua aplicação universal, se considerassem a guerrilha maoísta no Nepal, talvez fizessem algumas ressalvas em suas próprias opiniões. A invalidade não pode ser defendida, uma vez que, no caso estudado, a doutrina de Mao Tsé-Tung foi empregada com sucesso, pois a aplicação de seus conceitos foi, em última análise, a causa da vitória de Prachanda. A aplicação universal também não pode ser sustentada ao se considerar as peculiaridades do Nepal discutidas neste trabalho, que induzem ao entendimento de que a utilização da doutrina de guerrilha de Mao Tsé-Tung está condicionada à existência de fatores econômicos, políticos e sociais específicos, ou seja, é uma doutrina limitada a certas situações particulares.

A conclusão que se pode tirar do conflito nepalês, em relação aos preceitos de Mao Tsé-Tung, é que, em um contexto semelhante ao encontrado naquele país, é viável que a doutrina de guerrilha de Mao seja utilizada.

## REFERÊNCIAS

- BBC NEWS. **Rebels force Nepal firms to close**, 17 ago. 2004. Disponível em: <[http://newswww.bbc.net.uk/2/hi/south\\_asia/3571884.stm](http://newswww.bbc.net.uk/2/hi/south_asia/3571884.stm)>. Acesso em: 04 jun. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Maoist leader becomes Nepalese PM**, 15 ago. 2008. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/7563816.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7563816.stm)>. Acesso em: 05 jul. 2009.
- BONNET, Grabiél. **Guerras Insurrecionais e Revolucionárias da Antiguidade aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1963.
- BRASIL. Escola de Guerra Naval. **Guia de Estudos de Estratégia - EGN-304B**. Rio de Janeiro, 2007.
- CASTRO, Ronaldo Fiuza de. **O Pensamento Militar de Mao Tsé-Tung**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 1990. Monografia para o Curso de Política e Estratégia Marítima.
- CHANG, Jung; HALLIDAY, Jon. **Mao: A História Desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- COSTA, Florência. **O desafio maoísta no Nepal**. O Globo, Rio de Janeiro, p. 26, 22 fev. 2009.
- DEVILLES, Philippe. **Mao**. New York: Schocken Books, 1969.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p.
- GUIMIRE, Yubaraj; SHAH, Santosh. **The Battle for Nepal**. Revista Time. Hong Kong, 11 fev. 2008.
- GLOBALSECURITY. **United People's Front, Peoples' War Group (PWG) Nepal, Communist Party of Nepal (Maoist)**, 2004. Disponível em: <<http://www.globalsecurity.org/military/world/para/upf.htm>>. Acesso em: 07 jul. 2009.
- INTERNATIONAL CRISIS GROUP. **Nepal Backgrounder: Ceasefire – Soft Landing or Strategic Pause?**, 2003a. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=1642&l=1>>. Acesso em: 05 abr. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Nepal: back to the gun**, 2003b. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=2328&l=5>>. Acesso em: 15 abr. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Nepal's Royal Coup: Making a Bad Situation Worse**, 2005a. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=3260&l=1>>. Acesso em: 30 abr. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Nepal's Maoists: Their Aims, Structure and Strategy**, 2005b. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=3768&l=1>>. Acesso em: 05 abr. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Nepal's Peace Agreement: Making it Work**, 2006. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=4577>>. Acesso em: 08 jun. 2009.

\_\_\_\_\_. **Nepals's Maoists: Purists or Pragmatists?**, 2007a. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=4842>>. Acesso em: 09 jun. 2009.

\_\_\_\_\_. **Nepal's Fragile Peace Process**, 2007b. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?l=1&id=5082>>. Acesso em: 09 jun. 2009.

\_\_\_\_\_. **Nepal's new political landscape**, 2008. Disponível em: <<http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=5552>>. Acesso em: 05 jun. 2009.

FREMANTLE, Anne. **Mao Tsé-Tung: in anthology of his writings**. 6. ed. New York: New American Library, 1962.

MARKS, Thomas A. **The Maoists in Nepal Strategies of Subversion and Subterfuge**, 2008. Disponível em: <<http://www.satp.org/satporgrp/publication/faultlines/volume19/Article2.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2009.

MARXISTS INTERNET ARCHIVE. **Mao Zedong Internet Archive**, 2009. Disponível em: <<http://www.marxists.org/reference/archive/mao/index.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2009.

MAYHEW, Bradley; BROWN, Lindsay; VIVEQUIN, Wanda. **Nepal**. 6. ed. China: The Bookmaker International Ltd, 2003.

MEDEIROS, Ronaldo Reis. **A Validade Atual da Doutrina de Guerrilha Formulada por Mao Tsé-Tung: sua aplicação no conflito no Nepal**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2007. Monografia para o Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

PARET, Peter. **Construtores da Estratégia Moderna**. Tomo 1 e 2. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001.

RACINE, Jean-Luc. **O avanço dos maoístas**. Le Monde Diplomatique, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2003-07,a685>>. Acesso em: 14 jun. 2009.

REPORT, Kantipur. **Comprehensive peace accord signed, decade-old Maoist armed insurgency ends**. The Kathmandu Post, Kathmandu, 2006. Disponível em: <<http://www.kantipuronline.com/kolnews.php?&nid=92143>>. Acesso em: 4 jul. 2009.

SHARMA, Gopal. **Nepal desperta para nova era de paz e esperança**. O Globo, Rio de Janeiro, 22 nov. 2006. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2006/11/22/286750787.asp>>. Acesso em: 23 jun. 2009.

THAPA, Deepak; SIJAPATI, Bandita. **A Kingdom Under Siege: Nepal's Maoist Insurgency, 1996 to 2004**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003.

TSÉ-TUNG, Mao. **Mao Tsé-Tung, obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Vitória, v.1, 1961.

\_\_\_\_\_. **O Livro Vermelho: Citações do comandante Mao Tsé-Tung**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

\_\_\_\_\_. **On Protracted War**. 3. ed. Peking: Foreign Languages Press, 1967.

\_\_\_\_\_. **Seis Escritos Militares de Mao Tsé-Tung**. Peking: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1970.

\_\_\_\_\_. **Selected Military Writings of Mao Tsé-Tung**. Peking: Foreign Languages Press, 1968.

\_\_\_\_\_. **Selected Works of Mao Tsé-Tung**. New York: International Publishers, v.2, 1954.

\_\_\_\_\_. **Selected Works of Mao Tsé-Tung**. New York: International Publishers, v.3, 1955.

THE WALL STREET JOURNAL. **The Prachanda Path**, 28 ago. 2008. Disponível em: <[http://online.wsj.com/article/SB121985913495976891.html?mod=opinion\\_main\\_commentaries](http://online.wsj.com/article/SB121985913495976891.html?mod=opinion_main_commentaries)>. Acesso em: 07 jul. 2009.

UNITED NATIONS. **United Nations Mission in Nepal (UNMIN)**, 2009. Disponível em: <<http://www.unmin.org.np/>>. Acesso em: 5 jul. 2009.

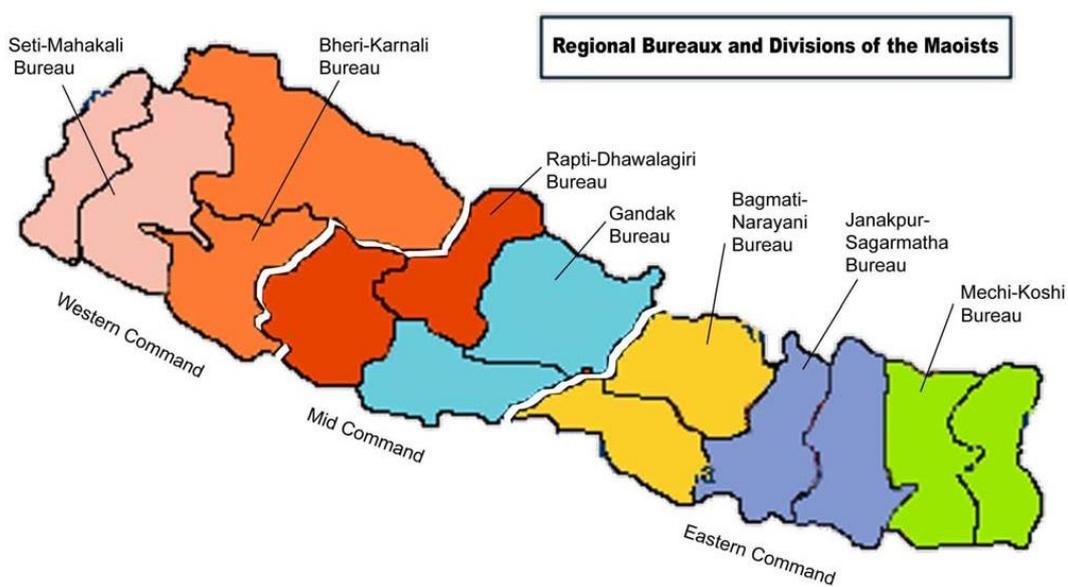
WATCHLIST ON CHILDREN AND ARMED CONFLICT. **Caught in the Middle: Mounting Violations Against Children in Nepal's Armed Conflict**, 2005. Disponível em: <<http://www.watchlist.org/reports/nepal.php>>. Acesso em: 06 jul. 2009.

**ANEXO A**  
**A Estrutura dos maoístas nepaleses**<sup>56</sup>

<b>The Party</b>	<b>The Army</b>	<b>The United Front</b>
Standing Committee	Divisions (3) (Western, Mid and Eastern)	United People's Revolutionary Council, Nepal
Central Committee	Brigades (9)	Ethnic and regional "autonomous people's governments" (8)
Central Command (3)	Battalions (29)	United District People's Committees
Politburo	Companies	United Area People's Committees
Regional bureaus	Platoons	United Village People's Committees
Sub-regional bureaus	Squads	United Ward People's Committees
District committees	[The "people's militias" organised on a local basis are separate from other military units]	-
Area committees	-	-
Cell committees	-	-

<sup>56</sup> INTERNATIONAL..., 2005, p. 38.

## ANEXO B

Mapa do Nepal e distribuição dos maoístas pelo território<sup>57</sup>

<sup>57</sup> INTERNATIONAL..., 2005, p. 32 e 33.